

Família: configurações e desafios

Cinco anos após o lançamento da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco convoca a Igreja, em mais um momento especial, para que se volte uma vez mais para a realidade familiar. O ano “Família *Amoris Laetitia*”, iniciado em março desse ano e estendendo-se até junho de 2022, quer que continuemos aprofundando a riqueza desse documento, um verdadeiro tesouro ainda a ser garimpado.

A Igreja tem destacado a importância da família como realidade tanto humana quanto divina, ao longo de toda sua história. Ela é ciente de sua missão junto a essa instituição e, por isso, não se cansa de protegê-la e fortalecê-la. A Igreja está a serviço do bem da família.

Mas, esse serviço a Igreja exerce em um mundo concreto, em uma realidade profundamente humana, carregada pelas vicissitudes próprias de cada período histórico. Anunciar a alegria do amor hoje requer, entre outras coisas, grande fidelidade à realidade familiar, já tão diferente de anos atrás. Somos interpelados a ir além de nossas compreensões teóricas e doutrinárias que muitas vezes pretendem reduzir a realidade à teoria.

O cenário familiar hoje se mostra multifacetado, multiforme, com configurações familiares diversas do modelo único a que estávamos acostumados. Dificilmente encontramos famílias numerosas como no passado. A grande maioria vive nas cidades. Em muitos lares a convivência acontece de modo monoparental (somente mãe e filho, filha ou somente pai e filho, filha); em outros, a família vem composta pelos avós e os netos; aumenta o número de famílias compostas por pessoas homoafetivas com ou sem filhos; muitas pessoas constroem sua família sem vínculo religioso algum; o número de divorciados não para de crescer e a opção por uma segunda união permanece cada vez mais frequente. Isso faz com que muitos apontem para uma crise da instituição familiar e, muitas vezes, passem a caçar e a identificar possíveis “inimigos da família tradicional”.

Mais do que negar a polimorfa realidade familiar em nossa contemporaneidade, espera-se que o cristianismo seja capaz de interpretar o que essa realidade está a nos dizer. A diversidade das formas concretas que hoje encontramos no seio familiar pode também possibilitar uma compreensão mais profunda do mistério que cerca a família e seu lugar no plano salvífico de Deus.

Quando falamos em família estamos nos movendo em âmbitos que se entrecruzam e são como diferentes retalhos que ao final formam o colorido de uma única colcha. Esquecidos ou negligenciados, eles minam o alcance e a possibilidade de uma teologia da família que realmente tenha relevância em nossas sociedades pós-modernas. A título de exemplo, assinalarei somente quatro âmbitos: *antropológico, socioeconômico, jurídico e teológico*.

Primeiramente, a realidade familiar atual nos provoca a repensar nossa compreensão sobre o ser humano. Sem uma nova antropologia continuaremos correndo o risco de falar ao vento. A Boa Nova da família tem como destinatários pessoas humanas concretas, com suas forças e suas fragilidades. Nesse sentido, o anúncio precisa ser também realista, superando um anúncio ingênuo e romantizado que ignora a realidade humana que vai se construindo ao longo de toda a existência. Como fruto dessa nova antropologia, espera-se igualmente que cheguemos como comunidade de fé a uma nova compreensão da sexualidade humana, capaz de ir além de uma visão estática e naturalista da dimensão sexual própria de todo ser humano.

A Igreja reafirma ser a família uma célula fundamental da sociedade humana. De fato, a família precisa “se tornar aquilo que é”: *escola de vida*. Fortalecendo-se a vida familiar, ganha todo o tecido social. No seio familiar, deveríamos ser educados aos grandes valores, capazes de construir de fato um mundo mais justo, solidário, fraterno e verdadeiramente humano. Disso decorre o desafio de se recuperar a dimensão educadora da família, evitando que ela seja mais uma das vítimas do sistema de terceirização que impera na economia de mercado. O princípio da subsidiariedade, presente na Doutrina Social da Igreja, reafirma o direito e o dever das famílias na tarefa educativa da sociedade.

A missão de tutelar a família exige que não descuremos do seu aspecto jurídico. Enquanto instituição também humana, a família precisa de leis que lhe possibilite exercer seu serviço na edificação da sociedade. Em nossas sociedades ocidentais, há muito debate em torno aos direitos e deveres que tocam o âmbito familiar. Há temas transversais que tocam diretamente a realidade familiar e são muito delicados para a Igreja. Basta lembrar, por exemplo, os direitos ligados à reprodução humana e às pessoas não heterossexuais.

Essas dimensões, próprias da realidade humana, mostram-se fundamentais para o fazer teológico hoje. A ênfase no anúncio da alegria do amor às famílias, que permanece sempre necessário, não deve obscurecer outro aspecto fundamental para uma teologia cristã da família. Na verdade, a família não deve ser reduzida a mero destinatário da mensagem salvífica. Ao contrário, mais que nunca a família cristã se vê motivada a assumir seu protagonismo na evangelização e na transformação da sociedade. Por meio do anúncio e do testemunho, a família se torna sujeito ativo na missão da Igreja.

Daí deriva a necessidade de uma conversão pastoral sincera. Nossa prática teológico-pastoral tem privilegiado o caminho do anúncio. Na dinâmica da comunicação religiosa tradicional, isso pressupõe a compreensão de que há um emissor que detém a verdade sobre o Mistério e a anuncia - o Magistério - cabendo à família apenas receber e aceitar a mensagem do anúncio. Se mudarmos nossa ótica e aceitarmos que Deus pode revelar algo do mistério também aos que vivem a realidade familiar, emergirá o imperativo de também ouvir as famílias.

Teologicamente esse serviço de escuta às famílias encontra lugar na reflexão sobre o papel do *Sensus Fidelium* na Igreja. Que lugar ocupam os leigos cristãos, casados ou não, na elaboração da teologia e da moral matrimonial, por exemplo? Outra questão: sendo a família uma Igreja doméstica, não deveria toda a Igreja ouvir o que o Espírito fala por meio das diversas manifestações dessa *domus ecclesiae*?

A Igreja tem sempre afirmado ser a favor da família. Mas, conseguirá a Igreja fazer chegar realmente a *toda configuração familiar* o anúncio da Boa Nova, sem excluir ninguém? Será ela capaz de olhar para a realidade familiar

com os olhos de Jesus? Terá coragem para se colocar ao lado de outras forças sociais que lutam pelos direitos humanos fundamentais (comida, trabalho, moradia etc.) sem os quais a defesa da vida não passa de um bonito slogan?

Moésio Pereira Souza

Faculdade Católica de Fortaleza, Brasil

É doutor e mestre em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana de Roma e graduado em Filosofia e Teologia pelo Instituto Teológico e Pastoral do Ceará. Atua principalmente nos seguintes temas: ética, relação filosofia/teologia, contemporaneidade, igreja e ser humano. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Haroldo Juaçaba-ICC em Fortaleza. E-mail: pmoesio@gmail.com